

HISTÓRICO DA ÉTICA DA LIBERTAÇÃO

A Ética da Libertação parte da ótica do Empobrecido, Oprimido e Excluído. Ela é vivida e tematizada numa perspectiva de América Latina e de 3º. Mundo em geral. Mesmo tendo, porém, como fonte de inspiração uma realidade particular ou singular, seu valor é universal, porque a Ética da Libertação é Ética da Vida e da Vida em plenitude para todos os Seres humanos¹.

A Ética da Libertação latino-americana (como toda a Filosofia e/ou Teologia) "é assumida como uma perspectiva e uma alternativa; ambas, perspectiva e alternativa, partem de uma situação concreta, de uma realidade histórica: a América Latina. Dela recebem seus elementos essenciais e assumem, a partir desta situação, os problemas universais do Ser humano e da sociedade"². Por isso, podemos dizer que todo projeto, por mais "regional" ou "individual" que seja, tem sempre um valor universal³.

A Ética da Libertação, propriamente falando, não é um dos ramos da Filosofia e/ou Teologia da Libertação, mas é o tema que a pervade. A Filosofia e/ou Teologia da Libertação é uma Filosofia e/ou Teologia "intrinsecamente moral". O ético é uma "dimensão constitutiva" ou "consustancial" de toda Filosofia e/ou Teologia da Libertação⁴. A Ética da Libertação é, por assim dizer, um enfoque da Filosofia e/ou Teologia da Libertação. Sua história, portanto, se confunde com a história da Filosofia e/ou Teologia da Libertação.

Até os primeiros anos da década de 60 "se interpretava a pobreza generalizada das grandes majorias latino-americanas com categorias

¹ Cf. Jo 10,10.

² CALDERA, A. Serrano. Filosofia e Crise. Pela Filosofia latino-americana. Vozes, Petrópolis, 1984, p. 25.

³ Cf. SARTRE, J. P. O Existencialismo é um Humanismo. Em: Os Pensadores. Abril Cultural. 19782, p. 16.

⁴ Cf. BOFF, C. Questões de método em Teologia Moral na ótica da Libertação. Conferência proferida no Congresso anual da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM). Curitiba, 9-13 de dezembro de 1991, p. 1-2 (Mimeo). Embora toda a Filosofia e/ou Teologia da Libertação tenha uma dimensão ética, existe a Ética da Libertação filosófica e/ou teológica como disciplina específica. "Isso é próprio da operação intelectual, que tem a virtude de operar cortes transversais na realidade a fim de

analíticas da ciência do social como era elaborado nos países cêntricos (norte-atlânticos). Ensinava-se que o subdesenvolvimento é fundamentalmente um problema de atraso técnico (países em via de desenvolvimento); a terapia se fazendo mediante a modernização. Mais tarde se descobriria a dimensão política do problema: o subdesenvolvimento é parte de um mesmo sistema econômico-político-social imperante no mundo ocidental (capitalismo liberal) onde há países ricos e desenvolvidos e países pobres e subdesenvolvidos em relação de interdependência. A solução para esse desequilíbrio reside, assim se pensava, em estreitar as mútuas relações em todos os níveis, e assim gerar um desenvolvimento mais homogêneo, sem mudar o sistema"⁵.

Sempre na década de 60, alguns analistas latino-americanos "começaram a interpretar o subdesenvolvimento com categorias do subdesenvolvimento. Aí se mostra que o subdesenvolvimento não é outra coisa senão a outra face do desenvolvimento. Há um sistema global de inegável desenvolvimento mas profundamente desigual, gerando um centro rico e uma periferia pobre. As relações entre os dois pólos não são de interdependência, e sim de verdadeira dependência e de opressão (países subdesenvolvidos é sinônimo de países mantidos no subdesenvolvimento). Diante desse processo gerador de pobreza e miséria se impõe um processo de libertação, capaz de gerar um desenvolvimento mais simétrico e livre. As categorias básicas - dependência/libertação - não constituem apenas uma análise, mas também uma denúncia: a dependência é exploração que provoca uma indignação ética; a libertação visa um processo que supere historicamente o atual sistema"⁶.

Nos países capitalistas dependentes (subdesenvolvidos) os desequilíbrios sócio-econômico-político-ecológico-culturais se manifestam de forma mais gritante que nos países capitalistas industrializados (desenvolvidos); não podemos, porém, esquecer que a opressão fundamental se encontra no próprio sistema capitalista enquanto tal. Ele é estruturalmente opressor; ele é estruturalmente anti-ético.

Esta nova maneira de interpretar o subdesenvolvimento e a opressão "animou práticas que já vinham sendo feitas, visando mudanças

melhor compreendê-la em suas articulações internas" (Ib., p. 2).

⁵ BOFF, L. O caminhar da Igreja com os Oprimidos. Do Vale de Lágrimas à Terra Prometida. Códex, Rio de Janeiro, 1980, p. 181.

⁶ Ib., p. 182.

estruturais, a partir dos pobres, de seus valores e de sua capacidade revolucionária. O sujeito da transformação social deve ser o povo, e não as elites, juntamente com aqueles estratos sociais que se associam organicamente ao povo"⁷.

A Filosofia e a Teologia da Libertação nasceram e se desenvolveram neste contexto histórico (sócio-econômico-político-ecológico-cultural), embora tenham suas raízes no pensamento crítico da época da conquista e da emancipação colonial.

A Filosofia da Libertação, surgiu no final dos anos 60 e se fez presente pela primeira vez de modo explícito no II Congresso Nacional de Filosofia de Córdoba em 1971. Mais tarde, devido a situação política do Cone Sul (desde 1975), a Filosofia da Libertação emigrou para muitos países latino-americanos como Venezuela, México e Colômbia. A Universidade S. Tomás (USTA) de Bogotá organizou diversos Congressos Internacionais de Filosofia latino-americana e, em torno destes Congressos, surgiu a "Associação da Filosofia da Libertação", remetendo-se a sua carta fundacional à Declaração de Morelia de 1975. Entre os principais representantes desta corrente de pensamento temos Augusto Salazar Bondy, Leopoldo Zea, Enrique Dussel, F. Miró Quesada e Alejandro Serrano Caldera. Diversas Universidades latino-americanas (em Quito, Bogotá, La Paz, Piracicaba - SP, e outros lugares) organizaram Conferências, Semanas de Estudo e Cursos sobre Filosofia da Libertação. Por causa de todo este movimento intelectual e também de várias publicações, a Filosofia da Libertação está se desenvolvendo e afirmando cada vez mais. Nestes últimos anos, Enrique Dussel, proferindo Conferências sobre o tema, teve a oportunidade de comprovar a receptividade da Filosofia da Libertação também na África e na Ásia⁸.

No campo específico da Ética da Libertação filosófica podemos lembrar Enrique Dussel e Gilberto Giménez.

Enrique Dussel "desenvolve a primeira Ética latino-americana de Libertação, levando em consideração a relação de economia 'dependente' e 'periférica' que estruturou a vida latino-americana por desígnio dessa 'totalidade' privilegiada, fechada e dominante do mundo norte-atlântico,

⁷ Ib. Nesta ótica de Libertação podem ser lembrados o Movimento de Educação de Base (MEB), a Ação Popular (AP) e o Método de PAULO FREIRE.

⁸ Cf. DUSSEL, E. Desafios atuais à Filosofia da Libertação. Em: ZIMMERMANN, R. América Latina - O Não-Ser. Uma abordagem filosófica a partir de E. Dussel (1962-1976). Vozes, Petrópolis, 1987, p. 227-229.

centrado originariamente na Europa e hoje nos Estados Unidos (...). Essa 'totalidade' dominante encerra em si o 'sentido', explicação e valor de todo o possível. O que fica fora não tem sentido nem valor para essa totalidade, o que fica é explorável, destrutível (...). É nessa alteridade do Ser humano latino-americano, pobre, periférico - não completamente outro com relação a 'totalidade' dominante - que se 'revela' a verdadeira totalidade com a exigência da libertação do Ser humano"⁹.

Gilberto Giménez "consegue a elaboração mais sistemática e abrangente de uma Ética da Libertação, retomando o tema da libertação em sua autonomia e consistência própria, de forma sistemática"¹⁰.

Para Giménez, "a palavra 'libertação' pode ter um sentido utópico e um sentido histórico-real, que na prática aparecem estritamente ligados (...). No primeiro sentido, designa um horizonte utópico de liberdade que constitui uma das componentes essenciais de todas as imagens da plenitude humana (utopias). Neste caso evoca, por exemplo, a imagem do 'Ser humano novo' plenamente solidário, ou do 'Ser humano total', ou do 'reino da liberdade' como superação final do 'reino da necessidade' (Marx). Estas imagens utópicas da libertação são, ao mesmo tempo, imagens motrizes de grande capacidade mobilizadora e motivadora da vontade política e social. No segundo sentido, designa um processo político-social de caráter conflitivo e complexo, historicamente situado, pelo qual determinados grupos humanos acham-se empenhados em superar determinadas formas econômicas, políticas ou culturais de dependência e dominação, seja no âmbito interno, seja no âmbito das relações entre os povos, a nível internacional"¹¹.

A Ética da Libertação, portanto, significa "um ensaio de reflexão crítica sobre um setor peculiar dos comportamentos sociais (práxis) enquanto expressão de valores: aqueles que emergem em situações de instabilidade, e 'desestruturação' social, com caráter fortemente disfuncional em relação à 'ordem estabelecida', que se quer precisamente substituir por uma 'ordem nova' com significado de libertação social"¹².

⁹ GOTAY, S. Silva. O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe (1960-1973). Paulinas, São Paulo, 1985, p. 267.

¹⁰ *Ib.*, p. 269.

¹¹ GIMÉNEZ, G. Hacia una Ética de la Liberación social. Universidad Católica, Assunción, 1972, p. 11-12 (Mimeo).

¹² *Ib.*, p. 11.

O processo político-social de libertação "comporta uma 'moral imanente', vivida e não necessariamente refletida, cuja análise e crítica sistemática constitui a tarefa da Ética da Libertação"¹³.

A Teologia da Libertação, por sua vez, surgiu e se desenvolveu na mesma época. Nos círculos dos cristãos e agentes de pastoral, que participavam dos Movimentos populares, "introduziram-se pela primeira vez as reflexões de fé no marco teórico de dependência/libertação. Consideravam já insuficientes as teologias do desenvolvimento ou da revolução, mais de tipo europeu, e viam a urgência de uma Teologia da Libertação. Já se achavam comprometidos com o povo em práticas alternativas. As reflexões se faziam em cima dessas práticas, e não à parte delas. O compromisso já assumido com os oprimidos levantava perguntas à fé cristã. As grandes perguntas eram: A fé cristã é motor ou freio no processo de libertação econômica, social, política e educacional do povo? Como ser cristãos em um mundo de miseráveis, mas cheios de anseios de libertação? Que conteúdo teológico tem objetivamente o processo de libertação? A libertação não tem nada a ver com o Reino de Deus?"¹⁴.

A segunda Conferência geral do Episcopado Latino-americano (Medellín, 1968), em seu documento "A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio", assumiu com vigor o tema da libertação. "Que se apresente cada vez mais nítido, na América Latina, o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo o poder temporal e corajosamente comprometida na libertação do Ser humano todo e de todos os Seres humanos"¹⁵.

Depois de Medellín, a Teologia da Libertação se desenvolveu e se afirmou cada vez mais. Entre os principais representantes desta corrente teológica, temos Gustavo Gutiérrez, Jon Sobrino, Leonardo Boff e muitos outros.

A terceira Conferência geral do Episcopado Latino-americano (Puebla, 1979), assumindo as conclusões de Medellín, fez do tema da libertação um dos eixos fundamentais do documento "A Evangelização no presente e no futuro da América Latina". A libertação integral "é um anúncio que vem urgindo a Igreja e faz parte da própria essência da evangelização que

¹³ *Ib.*, p. 12.

¹⁴ BOFF, L., o.c., *ib.* De maneira especial, podem ser lembradas a Ação Católica Operária (ACO), a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Estudantil Católica (JEC).

¹⁵ MEDELLÍN, 5, 15.

tende à realização autêntica do Ser humano"¹⁶. A Igreja latino-americana deve ser uma Igreja "que se compromete com a libertação do Ser humano todo e de todos os Seres humanos"; uma Igreja "que ajuda a construir uma nova sociedade em total fidelidade a Cristo e ao Ser humano no Espírito Santo"; uma Igreja "que denuncia as situações de pecado, que chama à conversão e compromete os fiéis na ação transformadora do mundo"¹⁷.

A libertação integral do Ser humano é baseada em "dois elementos complementares e inseparáveis: a libertação de todas as servidões do pecado pessoal e social, de tudo o que transvia o Ser humano e a sociedade e tem sua fonte no egoísmo, no mistério da iniquidade, e a libertação para o crescimento progressivo no ser, pela comunhão com Deus e com os Seres humanos, que culmina na perfeita comunhão do céu, onde Deus é tudo em todos e não haverá mais lágrimas. É uma libertação que se vai realizando na história, a libertação de nossos povos e a nossa própria pessoal e abrange as diversas dimensões da existência: o social, o político, o econômico, o cultural e o conjunto de suas relações. Em tudo isso há de circular a riqueza transformadora do Evangelho, com sua contribuição própria e específica, que se deve salvaguardar"¹⁸.

No campo específico da Ética da Libertação teológica (ou Teologia Moral da Libertação), podemos lembrar - entre outros - Francisco Moreno Rejón, Antônio Moser, Bernardino Leers e Márcio Fabri dos Anjos.

Dentro do contexto histórico e eclesial em que vivemos de transformações rápidas e profundas, perguntamos: "que mundo é esse com o qual nos dizemos comprometidos em nome do Evangelho? A resposta a essa questão foi decisiva para a práxis eclesial e para a Teologia Moral. O mundo com o qual a Igreja se compromete, em nome do Evangelho, não é o mundo do progresso, muito menos o mundo dos poderosos. A Igreja não pode aceitar ingenuamente o mundo do progresso, como se esse fosse um pré-anúncio do Reino. Esse progresso é conseguido, em grande parte, pela exploração dos mais fracos e pelo sacrifício de muitos valores humanos. Os germes do Reino se escondem no submundo dos empobrecidos. São eles, como diz Puebla, os construtores de uma nova história e de uma nova sociedade. E é por serem os prediletos de Cristo e construtores de uma história mais de acordo com as exigências do Evangelho, que a Igreja se sente na

¹⁶ PUEBLA, 480.

¹⁷ *Ib.*, 1304-1305.

¹⁸ *Ib.*, 482-483.

obrigação de optar por eles e lutar com eles pela sua libertação integral"¹⁹. A "irrupção dos Pobres" no processo histórico e na vida da Igreja - que é hoje um fenômeno de uma intensidade e amplitude extraordinária - "vem reivindicando sempre mais um deslocamento tanto no que diz respeito ao objeto, quanto ao sujeito da Teologia Moral. Claro que tanto o objeto quanto o sujeito apontam para o Ser humano, criado a imagem e semelhança de Deus. E apontam para todos os Seres humanos. Mas esse designativo seria ainda muito genérico e não faria justiça à grande maioria dos filhos de Deus. Marginalizados das benesses da sociedade, seriam marginalizados também teologicamente, já que seus problemas não podem vir suficientemente à tona.

O objeto a ser privilegiado, por uma questão de justiça, seria a integração dos marginalizados numa comunidade organizada, que lhes permite ser sujeitos de uma nova história, mais de acordo com os projetos de Deus. Conseqüentemente, também o sujeito a ser privilegiado seriam exatamente os marginalizados com os problemas que os afetam"²⁰.

Portanto, a Ética teológica da Libertação (ou Teologia Moral da Libertação) é elaborada à luz da fé, mas a partir dos empobrecidos, oprimidos e excluídos. "São necessárias - diz Paulo VI - "transformações audaciosas e profundamente inovadoras" para " construir um mundo em que todos os Seres humanos (...) possam viver uma vida plenamente humana (...)"²¹. Os Bispos em Puebla, depois de referir-se ao "clamor surdo que brota de milhões de Seres humanos, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte", comprometem-se a "evangelizar para a construção de uma sociedade nova, mais justa e mais fraterna"²².

Na V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, os Bispos afirmam: "Assumindo com nova força a Opção pelo Pobres, manifestamos que todo processo evangelizador envolve a promoção humana e a autêntica libertação sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade"²³. E ainda: "O rico magistério da Igreja nos indica que

¹⁹ MOSER, A. e LEERS, B. Teologia Moral: Impasses e Alternativas. Vozes, Petrópolis, 1987, p. 45-46. Cf. PUEBLA, 1244.

²⁰ Ib., p. 85. Cf. também BRAGA, M. J. M. Fazer Teologia Moral hoje, em "Moral Social". Paulinas, São Paulo, 1984, p. 10-11.

²¹ PAULO VI. O desenvolvimento dos Povos (PP), 32 e 47.

²² PUEBLA, 12 e 87.

²³ Documento de Aparecida (DA), 399.

não podemos conceber uma oferta de vida em Cristo sem um dinamismo de libertação integral, de humanização, de reconciliação e de inserção social"²⁴

Com o próximo Artigo começarei a apresentar a minha Proposta de elaboração teórica da Ética filosófico-teológica, em suas coordenadas antropológicas fundamentais. Cada item ou subitem desta Proposta poderá ser objeto de um estudo especial. O Tema do Artigo será **O Ser Humano**.

*Frei Marcos Sassatelli, OP
Goiânia, 30 de setembro de 2009
mpsassatelli@uol.com.br*

²⁴ *Ib.*, 359.